

## **DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES: APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS**

Daniele Achilles

Resumo: O processo de desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas deve ser conduzido por algumas etapas de ênfase indicadas por Vergueiro (1989), ou seja, a avaliação e o desbastamento. A partir dessa indicação, esse trabalho se desenvolve no sentido de apresentar a importância dessas etapas para o processo, bem como para a política de desenvolvimento de coleções. Dessa forma, aborda apontamentos teóricos sobre desenvolvimento de coleções, enfatiza o processo e a política de avaliação e de desbastamento e conclui que o bibliotecários especializados nas tarefas do desenvolvimento de coleções devem encarar a avaliação e seus métodos como um instrumento para identificação das áreas temáticas núcleo das coleções como também das áreas com maiores necessidades de desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento de coleções; Avaliação de coleções; Política de avaliação; Desbastamento; Política de desbastamento.

### **1 INTRODUÇÃO**

O andamento das etapas que compõem o processo de desenvolvimento de coleções, bem como o estabelecimento de políticas de desenvolvimento de coleções é uma necessidade de todas as bibliotecas, mais precisamente das bibliotecas especializadas que formam seu acervo tomando por base disciplinas ou áreas específicas do conhecimento. Esse tipo de biblioteca tem como missão atender as necessidades informacionais de um público específico, na maioria dos casos de pesquisadores.

Dessa forma, as bibliotecas especializadas em uma área do conhecimento devem fazer a prestação de serviços de forma a contribuir para a capacitação pessoal e ainda possibilitar o uso e a produção de novos conhecimentos. Com a finalidade de cumprir sua missão e função, essas bibliotecas deverão carregar consigo um compromisso que vai desde o atendimento ao usuário até o processo de avaliação. Lancaster (1996) já ponderava que o processo de desenvolvimento de coleções funciona como a interface entre os recursos informacionais e a comunidade a ser servida. Essa atribuição feita pelo autor nos remete a encarar o processo de desenvolvimento de

coleções como um 'filtro' e é por esse motivo que o bibliotecário não deve deixar de lado nenhuma das etapas que constituem o processo e a política.

O objetivo desse trabalho é apresentar um estudo teórico sobre as etapas de avaliação e de desbastamento e alinhá-las com a etapa de seleção. Por essa razão, faz-se necessário alertar os bibliotecários que atuam em bibliotecas especializadas que essas três etapas podem ser consideradas o núcleo do processo de desenvolvimento de coleções. Além disso, o esclarecimento de pontos essenciais ao entendimento do que é o desenvolvimento de coleções enquanto processo e política também é preocupação desse trabalho. Sendo assim, serão apresentadas, a seguir, ponderações sobre o processo e política de desenvolvimento de coleções, bem como serão destacadas as etapas de ênfase em bibliotecas especializadas.

## 2 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

O desenvolvimento de coleções tem sua origem atrelada à necessidade de selecionar materiais para a formação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de coleções das bibliotecas. Isso se deve à crescente produção bibliográfica impulsionada a partir da Segunda Guerra e o desenvolvimento de coleções com o passar do tempo começou a se tornar cada vez mais imprescindível para as bibliotecas devido ao surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e da Internet. Tal fato possibilitou, primeiramente, o desenvolvimento do processo de editoração, enquanto veículo inerente à disseminação do conhecimento e também propiciou o avanço científico e tecnológico. Cada vez se tornava mais fácil a multiplicação de publicações e mais difícil o seu controle e armazenamento. Tais acontecimentos colaboraram para a limitação, por parte das bibliotecas, em absorver o conhecimento registrado e isso acelerou a busca por instrumentos que pudessem resolver esse problema.

É a partir da impossibilidade de absorver, ou melhor, armazenar e acumular tudo o que era produzido, que o desenvolvimento de coleções ganha importância. Segundo Vergueiro (1989), os bibliotecários teriam que tomar uma posição com relação ao desenvolvimento de coleções, ou seja, deveriam deixar de lado as ações relacionadas à acumulação exaustiva para dar lugar ao acesso à informação. Sendo assim, caberia as bibliotecas e aos bibliotecários possibilitar um acesso mais democrático à informação e isso significava naquele momento uma transformação no papel do bibliotecário, isto é, ele deveria se tornar de fato um mediador entre a informação e o usuário.

Na qualidade de mediador entre a informação e o usuário, o bibliotecário passa a direcionar os objetivos da biblioteca para o acesso à informação e assim outros elementos inerentes à gestão das coleções começam a fazer parte do universo da própria biblioteca. A esse respeito, Vergueiro (1989, p. 14) declara que "os acervos [devem estar] integrados à comunidade", ou seja, a gestão das coleções que formam o acervo, aliado ao desenvolvimento de coleções, juntamente com outros elementos, devem fazer parte do trabalho cotidiano do bibliotecário.

Ao definir o processo de desenvolvimento de coleções como uma “atividade de planejamento [que] exige comprometimento com as metodologias” e ainda como “um processo que afeta e é afetado por muitos fatores externos a ele”, Vergueiro (1989, p. 15) chama atenção para o fato de que o processo de desenvolvimento de coleções deve ser administrado levando em consideração o planejamento e as metodologias a ele aplicadas.

As teorias sobre o desenvolvimento de coleções desde os estudos Edward G. Evans (1979) seguem uma linha denominada sistêmica. Vergueiro (1989) e Weitzel (2013) também configuram seus apontamentos teóricos nessa linha e concebem o desenvolvimento de coleções a partir de uma perspectiva que indica as atividades (etapas) do processo como essenciais e ainda afirmam que cada uma das etapas não deve ser executada de forma isolada, isto é, precisam ser consideradas como subsistemas – partes de um todo.

A perspectiva sistêmica atribuída ao desenvolvimento de coleções recebe características adicionais importantes para o processo e política, isto é, o processo é visto como cíclico, ininterrupto e contínuo por Evans (1979), Vergueiro (1989) e Weitzel (2013). Essas características revelam que o processo deve ser uma atividade rotineira e contínua da biblioteca, executada por bibliotecários. Só assim o desenvolvimento de coleções garante sua efetividade.

Segundo Evans (1979) e Vergueiro (1989), o processo de desenvolvimento de coleções é composto por seis etapas: estudo da comunidade; política de seleção; seleção; aquisição; desbaste, incluindo descarte; avaliação da coleção. Evans (1979) definiu o processo de desenvolvimento de coleções como aquele que identifica pontos fortes e fracos de uma coleção em relação às necessidades dos usuários, que visa corrigir as fraquezas e que requer constante avaliação dos recursos da biblioteca e, ainda, o estudo das necessidades dos usuários, o que servirá de base para o planejamento das mudanças que deverão ser realizadas.

Corroborando com as ideias de Evans (1979), Vergueiro (1989) assinala que o processo de desenvolvimento de coleções deve ser caracterizado como um processo heterogêneo, uma vez ele não se define da mesma forma em todas as bibliotecas, isto é, o processo se define de um modo específico a partir do tipo, missão e funções de cada biblioteca.

Na esteira de Evans (1979) e Vergueiro (1989) se destaca Simone Weitzel, que publicou em 2006 o livro *Elaboração de políticas de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*, que também trata dessa temática, mas marca a relação entre o processo e a sua respectiva política. Na primeira edição da obra, a autora já apresenta a “analogia do guarda-chuva”, ou seja, prevê a constituição do processo de desenvolvimento de coleções formado pelas mesmas etapas citadas por Evans (1979) e Vergueiro (1989).

Em 2013, Weitzel lança a segunda edição da obra citada anteriormente, mas realiza uma importante atualização. A autora formalizou um detalhamento mais profundo em relação ao processo e as políticas do desenvolvimento de coleções. Assim, o “guarda-

chuva” passa a ser composto por uma quantidade maior de “varetas”,<sup>1</sup> e ao invés de seis, ele será formado por nove “varetas”, que são: estudo da comunidade; política de seleção; seleção; aquisição; política de aquisição; desbaste, incluindo o descarte; política de desbastamento; avaliação da coleção e política de avaliação. Assim, Weitzel afirma:

A analogia do guarda-chuva pode ser útil para explicar conceitualmente a relação entre o processo e política de desenvolvimento de coleções com suas respectivas etapas, bem como a relação da interdependência entre elas. Cada etapa é formada por seu respectivo processo e política, e juntas, formam o conceito de ‘Desenvolvimento de Coleções’ (Weitzel, 2013, p. 20-21).

Para melhor compreensão das etapas que compõem o processo de desenvolvimento de coleções optou-se por criar um quadro que relaciona cada etapa a sua respectiva definição.

## Desenvolvimento de coleções

Estudo da comunidade “é uma investigação de primeira mão, uma análise e coordenação dos aspectos econômicos, sociais e de outros aspectos inter-relacionados de um grupo selecionado”. (FIGUEIREDO, 1994, p. 65). “um trabalho de pesquisa junto à comunidade, que exige equipe qualificada” (WEITZEL, 2013, p. 27).

Política de seleção “é um instrumento de trabalho primariamente destinado a dar suporte às decisões de seleção e deve informar: a identificação dos responsáveis de seleção; os critérios utilizados no processo; os instrumentos auxiliares; as políticas específicas; os documentos correlatos” (VERGUEIRO, 1995, p. 8).

Seleção é o “processo de tomada de decisão título a título” (FIGUEIREDO, 1998, p. 84). Aquisição “é o processo que implementa as decisões tomadas no processo de seleção” (FIGUEIREDO, 1998, p. 84-85) (MACIEL; MENDONÇA, 2006, p. 20).

Política de aquisição deve reunir os seguintes elementos: “responsabilidade pela atividade; definição das prioridades da aquisição; determinação de fontes de financiamento e captação de recursos; estabelecimento de diretrizes para alocação dos recursos; detalhamento dos procedimentos e rotinas para compra, doação e permuta; definição dos instrumentos auxiliares aplicáveis para aquisição; orientações para a escolha dos fornecedores; definir os critérios para o registro das diferentes coleções para fins de identificação de patrimônio; descrição da participação da biblioteca em planos ou programas de aquisição cooperativa; adoção de programas para o controle e acompanhamento dos processos de aquisição” (WEITZEL, 2013, p. 51-56). Avaliação “é, efetivamente, uma avaliação dos seus métodos de seleção” (FIGUEIREDO, 1998, p. 97-98).

---

<sup>1</sup> Segundo Weitzel (2013), as “varetas” constituem as etapas do processo.

Política de avaliação de coleções deve considerar três elementos: “quem será o responsável pelo processo; definição de padrões e critérios e metodologias; métodos a serem empregados” (WEITZEL, 2013, p. 61).

Desbaste “é o ajuste do acervo às necessidades da comunidade e à missão institucional. A implementação de suas ações trazem como consequência a renovação de espaços para o armazenamento, contribuindo ainda mais para melhorar o acesso dos usuários ao material” (WEITZEL, 2013, p. 65).

“consiste na retirada de documentos pouco utilizados pelos usuários, de uma coleção de uso frequente para outros locais – os depósitos especialmente criados para abrigar este material de consultas eventuais. Já o descarte, consiste na retirada definitiva do material do acervo da biblioteca, com a correspondente baixa nos arquivos de registro da mesma” (MACIEL; MENDONÇA, 2006, p. 25).

Política de desbastamento deve considerar quatro elementos “responsabilidade pelo processo; critérios; métodos; aspectos legais e administrativos” (WEITZEL, 2013, p. 68).

Fonte: O autor (2014).

Além das etapas indicadas, a literatura especializada em coleções indica outros elementos e aspectos que podem ser considerados correlatos e possuem uma relevância para a formação e desenvolvimento de coleções, como: a conservação (medidas ou ações direcionadas a preservar ou restauração dos documentos); a preservação (medidas ou ações que visam proteger, preservar e manter a longevidade dos documentos); o compartilhamento de recursos; os direitos autorais; o armazenamento, entre outros (WEITZEL, 2013).

Ao pensar em bibliotecas especializadas, não se pode deixar de lado as etapas de ênfase do processo, que de acordo com Vergueiro (1989) é a avaliação e o desbastamento que devem alinhar-se a etapa de seleção. Trabalhando sob a perspectiva dos estudos teóricos de Evans (1979), Vergueiro (1989) e mais recentemente de Weitzel (2013), vemos que é pertinente adicionar a essas duas etapas as suas respectivas políticas. Isso significa dizer que a política de desbastamento bem como a política de avaliação também deve ser melhor planejadas pelos bibliotecários.

Vergueiro (1989) ressalta a importância da etapa de seleção para qualquer biblioteca e aqui ela pode ser indicada como uma das etapas que mais complementam a avaliação e o desbastamento em bibliotecas especializadas, uma vez que essas etapas encontram-se diretamente relacionadas, pois indicam o que deve entrar, permanecer, ser remanejado e ser descartado do acervo. Afinal, a seleção é uma tomada de decisão que requer planejamento, é a escolha de materiais que corresponde à necessidade informacional dos usuários da biblioteca.

A partir da indicação de Vergueiro (1989) surgiu a preocupação em escrever esse artigo e chamar atenção dos bibliotecários de bibliotecas especializadas no intuito de que percebam como essas três etapas vêm sendo desenvolvidas.

### 3 AVALIAÇÃO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas especializadas podem ser definidas, de acordo com Cunha e Cavalcante (2008, p. 53), como “a biblioteca organizada sobre disciplinas ou áreas específicas do conhecimento”. Essas bibliotecas podem estar separadas por três princípios teóricos: pelo tratamento do acervo, pelo tipo de usuário que a frequenta e pelo tipo de coleções que armazenam. Portanto, antes de qualquer coisa, o bibliotecário deve atentar-se para a missão e objetivos institucionais da biblioteca que trabalha. Targino (1988) afirma que a biblioteca especializada é aquela que tem um acervo composto de material bibliográfico técnico destinado a atender os campos de atuação de uma determinada instituição. Dessa forma, é necessário reafirmar que esse artigo pontua biblioteca especializada como sendo aquela que tem o acervo especializado em determinada área do conhecimento.

Pode-se atribuir às bibliotecas especializadas um importante papel – o de funcionar como um dos principais canais de disseminação de informação científica. Isso porque essas bibliotecas tornaram-se organizações que lidam basicamente com informação técnico-científica e com a informação mais específica de uma área do conhecimento e ainda se colocam como provedoras de serviços de informação. Diante disso, o bibliotecário deve considerar a avaliação da coleção, juntamente com o desbastamento e a seleção, com o intuito de perceber se tais etapas estão sendo praticadas corretamente, uma vez que envolvem processos ainda considerados subjetivos.

Tendo em vista que a avaliação, além de ser uma etapa do desenvolvimento de coleções, é um componente imprescindível a administração e, ainda, uma ferramenta essencial para a gestão é que se faz necessário abordar essa temática em um encontro das bibliotecas especializadas integrantes do Siseb

As bibliotecas especializadas carecem cada vez mais de um planejamento eficiente e eficaz no que tange às questões relativas às coleções, pois por muitas vezes elas são as primeiras a terem contato com os novos suportes documentais, por exemplo. É a partir da etapa de avaliação e sua respectiva política que se pode traçar o panorama das coleções, sendo possível identificar os seus pontos fortes e fracos, com a finalidade de revisão do planejamento por parte dos gestores. Ademais, a avaliação permite a segurança na tomada de decisões e ainda pode melhorar o direcionamento da formação e desenvolvimento de coleções, trazendo benefícios para os usuários e para a própria biblioteca. Weitzel (2013, p. 56), ao citar Lancaster (1996), pondera sobre essa consideração que “qualquer avaliação a que a biblioteca seja submetida deve se preocupar em determinar em que medida ela desempenha com êxito essa função de interface”.



Sobre a avaliação, Maciel e Mendonça (2006, p. 23) enfatizam a importância de se incorporar a avaliação no dia-a-dia da biblioteca, pois aproximam o processo de desenvolvimento de coleções a um processo holístico, visto que suas funções se interligam e se tornam interdependentes.

Lancaster (1996, p. 20) também aponta que o objetivo da avaliação de coleções é “melhorar as políticas de desenvolvimento de coleções e as políticas relacionadas a período de empréstimo e taxa de duplicação, ou embasar decisões relacionadas com o uso do espaço”. A avaliação da coleção sinaliza que tipo de planejamento o bibliotecário deve seguir para alcançar seus objetivos e equilibrar de modo racional o acervo da biblioteca.

Nice Figueiredo (1998, p. 97-98; 134) contribuiu bastante para que os bibliotecários refletissem sobre as questões do uso das coleções, assim como dos estudos de usuários. Ela considera a avaliação de coleções em bibliotecas como “uma avaliação dos seus métodos de seleção” e ainda pondera que combinar a avaliação com o planejamento é uma tarefa complexa, isso porque o bibliotecário deve ter uma visão crítica e analítica frente aos dados coletados. O processo de avaliação requer uma série de tomadas de decisões que foram elencadas por Maciel e Mendonça (2006, p. 24):

- Definir qual(is) o(s) objetivo(s) da avaliação;
- Escolher qual a melhor metodologia a ser adotada, em função dos objetivos a serem atingidos;
- Definir os critérios que deverão ser observados considerando-se as características específicas de cada coleção;
- Definir com que periodicidade deve ser realizada;
- Definir sobre a alocação de recursos;
- Identificar as obras que devem ser retiradas do acervo com a finalidade de serem colocadas em depósito (caso de obras de pouco uso) ou descartadas (obras obsoletas, danificadas ou não pertinentes ao acervo).

Os autores citados enfatizam a importância da avaliação de coleções como um processo rotineiro, dotado de metodologia e alinhado ao planejamento. Esse processo pode ser implementado por meio de diferentes metodologias, classificadas em qualitativa, aquelas que se preocupam com o conteúdo do acervo, e em quantitativas, aquelas que abrangem os dados estatísticos, como apontam Maciel e Mendonça (2006, p. 24). As metodologias aplicáveis à avaliação de coleções deverá ser analisada previamente pelo bibliotecário.

Geralmente, o processo de avaliação de coleções é caracterizado como um processo complexo, que demanda certo cuidado do bibliotecário e também de uma equipe de profissionais dedicados ao processo, afinal a avaliação deve ser uma atividade rotineira de qualquer biblioteca. Para trabalhar com metodologias aplicáveis à

avaliação, os profissionais deverão se atualizar e capacitar com a finalidade de dominar as metodologias inerentes ao processo, pois o trabalho com essas metodologias reúne atividades de coleta, tabulação, análise e interpretação de dados que nem sempre podem ser objetivados devido à grande quantidade de dados, mesmo com o uso de ferramentas que auxiliam nessa tarefa.

Weitzel (2013, p. 58) pondera que “a rotina do processo de avaliação envolve planejamento, diagnóstico das coleções, aplicação de padrões e critérios, e controle de dados de uso, valor e qualidade de um modo geral”. A autora afirma que “o diagnóstico faz parte do planejamento” e que ele é necessário para “mapear todo o acervo em termos de áreas e subáreas, idioma e idade”.

A política de avaliação é o conjunto de diretrizes que vão conduzir o processo de avaliação. Weitzel (2013, p. 61) indica que na política de avaliação é interessante “considerar três elementos: quem será o responsável pelo processo, definição de padrões e critérios e metodologias e métodos a serem empregados”. Não seria diferente quando se fala em responsáveis pelas etapas do desenvolvimento de coleções e na avaliação: ele deve ser um bibliotecário supervisor certificado e qualificado para trabalhar diretamente com a pesquisa, carro-chefe das bibliotecas especializadas. A definição dos padrões e critérios de avaliação exige a formação de uma equipe capaz de direcionar os conhecimentos especializados ao perfil da comunidade a ser atendida, isso quer dizer que esses padrões e critérios irão depender dos preceitos institucionais. No que tange às metodologias, devido sua complexidade, seria mais adequado dedicar um artigo para que as cobrissem.

Cabe ressaltar que a partir da avaliação, o bibliotecário consegue acompanhar as demandas informacionais, identificar as forças e fraquezas dos tipos de coleções e, ainda, clarificar os aspectos relevantes que incidirão diretamente nas tomadas de decisão sobre o desbastamento, incluindo o descarte, e poderá auxiliar o processo de seleção. A avaliação também propicia ao bibliotecário uma visão panorâmica, que poderá influenciar o planejamento estratégico inerente à gestão das coleções.

Segundo Weitzel,

Como resultado concreto, a avaliação possibilita a identificação das obras que apresentam um tempo médio aceitável ou não sem uso, denominado por Slote (1997) de ‘tempo de estante’, bem como a busca de uma alternativa para estimular o uso, caso a obra ainda seja de relevância, ou desbastá-la (Weitzel, 2013, p. 65).

## 4 DESBASTAMENTO

O desbastamento, nas palavras de Vergueiro (1989, p. 74), aproxima as coleções das árvores, onde ele afirma que “ambas, para atingirem sua plenitude do desenvolvimento, necessitam ser constantemente desbastadas”. Entende-se por desbastamento o conjunto de ações inerentes às retiradas (remanejamento) das obras de uma coleção. Vergueiro (1989, p. 74) ainda apresenta o desbastamento como um



“deslocamento [da coleção] para locais de menor acesso, onde os materiais serão acomodados mais compactamente a fim de que, embora conservados fisicamente, ocupem o menor espaço possível”. Segundo Weitzel (2013, p. 65), o desbastamento é o ajuste do acervo às necessidades e desejos da comunidade e à missão institucional. Maciel e Mendonça (2006, p. 25) dizem que o desbastamento consiste na “retirada de documentos pouco utilizados pelos usuários, de uma coleção de uso frequente para outros locais – os depósitos especialmente criados para abrigar este material de consultas eventuais”.

O desbastamento é uma das etapas do processo de desenvolvimento de coleções que torna possível a adequação das coleções às necessidades informacionais dos usuários, visto que ele permite a renovação dos espaços de armazenamento. Figueiredo (1998, p. 84) define bem o processo e declara que é o processo de “extrair títulos ou partes da coleção, quer para o remanejamento, quer para o descarte”.<sup>2</sup> Dessa forma, pode-se concluir que o descarte é uma consequência do desbaste. E, ainda, que o remanejamento e o descarte podem ser considerados subprocessos do desbastamento.

Além disso, o desbastamento é uma etapa que se relaciona diretamente com a etapa de seleção. Isso acontece porque a seleção pode ser um dos mecanismos de validação e garantia de efetividade sobre o desbastamento. Os documentos que possuem duplicatas, ou que são prioridades de demandas dos usuários, os danificados, os que apresentam maior raridade e ainda os documentos que apresentam relevância, mas não são tão utilizados, devem ser desbastados por meio do remanejamento para outros locais, como armazéns, por exemplo, como indica Weitzel (2013, p. 67-68).

Maciel e Mendonça (2006) apresentam algumas tomadas de decisão inerentes ao processo de desbastamento:

- Indicação de uma comissão que se responsabilize pela aprovação dos documentos indicados para serem colocados em depósitos ou descartadas. Tal comissão deve ser a mesma encarregada da seleção de documentos;
- Definição do tempo máximo que uma publicação não utilizada deve permanecer na coleção corrente, naturalmente observando-se as características de cada área;
- Indicação de um prazo médio para desatualização e desativação de determinados tipos de materiais, como livros-didáticos, livros-texto, catálogos, folhetos, publicações periódicas, obras de referência etc.
- A necessidade de se manter nas estantes de uso frequente um (ou nenhum) exemplar de alguma publicação transferida;
- Definição sobre a não pertinência de determinado documento ou coleção do acervo da biblioteca;

---

<sup>2</sup> Descarte é a retirada definitiva da obra de um acervo.

- Determinação de um prazo médio para a permanência dos documentos localizados nos depósitos;
- Definição de normas e procedimentos para a utilização dos documentos armazenados nos depósitos (regulamento do setor).

A política de desbastamento tem como principal função a definição de critérios que conduziram o processo de desbastamento, incluindo o descarte. Portanto, é importante estabelecer os responsáveis pelo processo, os métodos que serão aplicados e ainda atentar para os aspectos legais e administrativos. Slote (1997 apud WEITZEL, 2013, p. 71), ao falar a respeito dos métodos para o desbastamento, enumera estes métodos e afirma que eles devem ser baseados na avaliação sistemática de coleções, principalmente levando em conta os dados que ilustram a baixa circulação de materiais e o próprio desbastamento contínuo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com desenvolvimento de coleções e ainda privilegiar os apontamentos teóricos sobre bibliotecas especializadas é uma grande oportunidade de verificar um tema que não é recorrente nos estudos dessa área. Além disso, pode-se inferir que os processos de avaliação, desbastamento e suas respectivas políticas não possuem clareza no que tange sua aplicação nessas bibliotecas. Dessa forma, este trabalho tenta colaborar, por uma via teórica, para a disseminação e preenchimento da lacuna existente na literatura principalmente sobre a ênfase das etapas do desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas, conforme apontadas por Vergueiro (1989).

Ficou claro no decorrer do texto que a aplicação de métodos para avaliação e o estabelecimento de critérios para o desbastamento devem alinhar-se ao processo e política de seleção e possuem importância fundamental para a formação, desenvolvimento e gestão das coleções nesse tipo de biblioteca, que lidam primordialmente com o atendimento de demandas informacionais ligadas à pesquisa científica e à geração de novos conhecimentos.

Acredita-se que a revisão teórica sobre desenvolvimento de coleções e mais pontualmente das etapas de avaliação e de desbastamento contribuam para a reflexão dos bibliotecários que muitas vezes enxergam tais processos separadamente. Sendo assim, espera-se que esse artigo possa contribuir para discussões, de forma a produzir novas reflexões e trabalhos sobre tais processos, bem como sobre as metodologias aplicáveis à avaliação, temática ainda pouco abordada, porém com grande potencial para contribuir para os estudos e avanços profissionais em desenvolvimento de coleções.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EVANS, G. E. *Developing library and information center collection*. Englewood: Libraries Unlimited, 1979.
- FIGUEIREDO, Nice Menezes. *Desenvolvimento & avaliação de coleções*. Brasília: Thesaurus, 1998.
- LANCASTER, F. W. *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.
- MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. *Bibliotecas como organizações*. Rio de Janeiro: Interciencia; Niterói: Intertexto, 2006.
- TARGINO, M. das G. Bibliotecas universitárias e especializadas de São Luís (MA). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 19-32, jan./jun., 1988.
- VERGUEIRO, Waldomiro. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis: APB, 1989.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan./abr. 1993.
- WEITZEL, Simone da Rocha. *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. Rio de Janeiro: Interciencia; Niterói: Intertexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciencia; Niterói: Intertexto, 2013.